



INSTITUTO DE HUMANIDADES
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM HUMANIDADES

Roberto Gerônimo de Farias

**Anarquismo e Educação pública:
pedagogia libertária e perspectivas sobre o IDE.**

Acarape
2019

ROBERTO GERONIMO DE FARIAS

**Anarquismo e Educação pública:
pedagogia libertária e perspectivas sobre o IDE.**

Trabalho de Conclusão de Curso em formato de projeto de pesquisa do Curso de Bacharelado em Humanidades da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira, como requisito parcial à obtenção de título de Bacharel em Humanidades.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Maria Alda de S. Alves

Acarape-CE

2019

ROBERTO GERONIMO DE FARIAS

**Anarquismo e Educação pública:
pedagogia libertária e perspectivas sobre o IDE.**

Aprovado em: ____ de _____ de 2019.

BANCA EXAMINADORA

Orientadora: Prof.^a. Dra. Maria Alda de Sousa Alves
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador: Prof. Dr. Lucas Marcelo Tomaz de Souza
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

Examinador: Prof. Dr. Jon Anderson Machado Cavalcante Universidade da
Integração Internacional da Lusofonia Afro Brasileira (UNILAB)

RESUMO

Com o resultado de pesquisas sobre o “baixo desempenho” dos alunos brasileiros na educação pública reflexões relevantes vêm sendo levantadas por especialistas, trazendo à tona discussões que eram tratadas com pouca relevância. Novos pensamentos pedagógicos foram surgindo e novas práticas desenvolvidas. Desta forma, modelos pedagógicos educacionais “antissistemáticos” e libertadores foram deixados de lado, enfraquecendo o debate teórico no ambiente acadêmico. Este projeto de pesquisa reafirma esta preocupação quando em seu corpo traz uma discussão sobre a relação entre anarquismo e educação ou “pedagogia libertária”. A pedagogia libertaria surge como movimento do anarquismo em busca da liberdade social dos indivíduos e da sociedade, com um discurso de uma educação autogerida, para tanto, critica qualquer educação ministrada pelo Estado. Desta forma, anarquistas que se encarregaram de pensar a instrução pública concluíram que uma “verdadeira educação” deveria se distinguir da educação pública. Autores relacionados a esta pedagogia libertaria foram utilizados como referenciais teóricos neste trabalho, que visa um estudo sobre a avaliação a partir da percepção discente sobre o IDE (Índice de Desempenho do Estudante.). Parte-se, assim, de uma revisão de literatura sobre o tema, para em seguida ser realizada uma pesquisa empírica com alunos do curso do BHU e da licenciatura em Sociologia por meio de entrevistas individuais.

Palavras-chaves: Anarquismo; educação pública; pedagogia libertária; avaliação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	6
2 OBJETIVOS	8
2.1 Objetivo geral	8
2.1 Objetivo específico	8
3 JUSTIFICATIVA	8
4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	10
4.1 História do anarquismo: da Europa ao Brasil.	10
4.2 Relação entre anarquismo e pedagogia libertária.	15
5 PERCEPÇÕES DO ANARQUISMO SOBRE A AVALIAÇÃO E O IDE	19
6 METODOLOGIA DA PESQUISA	20
REFERÊNCIAS	22
ANEXO	24

INTRODUÇÃO

A proposta do projeto é analisar o sistema avaliativo usado na Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), o denominado IDE¹ sob a perspectiva anarquista de educação. No entanto, faz-se necessário como via de contextualização fazer um breve histórico sobre a educação pública, anarquismo e pedagogia libertária que será tratado no decorrer do projeto. Uma palavra que se repete muito no estudo da origem da escola pública é a palavra “obrigatória”. A educação espartana nos mostra bem como isso se aplica, aliás, todas as crianças saudáveis eram em suas totalidades pertencentes ao Estado de forma passiva. Entretanto, a educação que vivenciamos hoje tem sua origem no berço do protestantismo especificamente em Martinho Lutero². O autor traz na carta escrita no ano de 1524 para os governantes alemães que é papel do Estado “compelir” os pais a enviar seus filhos para a escola. (William, 1896 apud Murrhay, 2015).

Em Lutero a educação baseia-se no seu plano saxônico construído em 1559 e posto em prática pelo então príncipe de Wunrttemberg. O plano educacional luterano preconizava o ensino religioso, a obediência passiva ao Estado e a frequência obrigatória. (Murrhay, 2015). De certa forma o Brasil passou por várias transformações no que diz respeito à educação pública, mas de fato as grandes mudanças e a implementação dessa educação aconteceram com a República.

A monarquia já vinha de um processo de falência que não mais conseguia abarcar as necessidades dos seus súditos ou pelo menos da classe rica minoritária. Nesse contexto os cafeicultores, juntamente com os militares, tomam o poder expulsando a família real e instalando a República em 15 de novembro de 1889. (ALVES, 2009). Em 1930 Getúlio Vargas sanciona o fim da primeira república dando um golpe após a perda das eleições para Carlos Prestes. Em 1931 Getúlio

¹ Índice de Desempenho do Estudante.

² Martinho Lutero nasceu em 10 de novembro de 1483 em Eisleben ingressando em 1505 no mosteiro da ordem de Santo Agostinho. Tornou-se um dos principais responsáveis do movimento denominado como reforma protestante iniciado no ano de 1517. Ficou conhecido por escrever suas 95 teses que apontava falhas na igreja católica sendo até perseguido. (BARBOSA, 2007).

cria o Ministério da Educação com reformas contundentes na educação pública, desde a frequência obrigatória a laicidade³ escolar.

Chegando ao fim de seu mandato Getúlio aplica mais um golpe instaurando o Estado Novo, concedendo em 10 de novembro de 1937 uma nova constituição em que cabe ao governo federal elaborar o Plano Nacional da Educação e suas diretrizes. Nesse período do Estado Novo (1942-1946) uma nova reforma educacional entrou em vigor, denominada leis orgânicas do ensino ou Reforma Capanema, então estabelecida pelo ministro da educação Gustavo Capanema, com a dualidade entre ensino propedêutico e a instrução trabalhista. (JUNIOR, 2010).

No Brasil a educação se tornou papel fundamental do Estado, entretanto, após vários resultados catastróficos na educação pública brasileira torna-se essencial discutir e procurar novas metodologias de ensino e avaliação. Para tanto este projeto traz essa discussão a partir do anarquismo. É fato que após alguns resultados a educação tem que ser revista e analisada necessitando cada vez mais de novas práticas pedagógicas de ensino.

O trabalho tem como objetivo analisar um sistema de avaliação denominado IDE (Índice de Desempenho do Estudante) da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), instituição que possui campus no Ceará e na Bahia. O trabalho será realizado no Ceará. Trata-se de uma ideia inédita, nunca trabalhada na Unilab. Por isso o projeto é essencial para a comunidade acadêmica no requisito educação, que carece de novos meios de repensá-la, favorecendo a busca de novas correntes, inclusive discutindo novas ideologias e pluralizando o ensino.

³ Uma das pautas apontadas pelos os representantes do movimento da escola nova que combatia o ensino obrigatório religioso nas escolas. (JUNIOR, 2010).

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

A proposta do trabalho é analisar o IDE (Índice de Desempenho do Estudantil) a partir da perspectiva do aluno utilizando a pedagogia libertaria como referencial teórico.

2.1 Objetivos específicos.

- Analisar o sistema avaliativo IDE (Índice de Desempenho do Estudante) na Unilab (Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira) no Ceará utilizando o anarquismo.
- Compreender a visão da pedagogia libertária sobre a percepção de educação.
- Fazer uma pesquisa documental sobre avaliação com o PPC (Projeto pedagógico curricular) do BHU (Bacharelado em Humanidades).

3 JUSTIFICATIVA

O tema escolhido a priori não estava nas minhas ideias para o projeto de conclusão de curso. Na verdade, ainda estava muito em dúvida sobre o que realmente iria trabalhar. Entretanto, já tinha em um dos meus escritos refletido e “criticado” as formas de avaliação por meio do IDE, influenciado pelas minhas experiências cotidianas. Em se tratando no contexto da Unilab duas questões pairam sobre as discussões dos alunos: a primeira é o IDE e a segunda é o projeto de conclusão do curso. No início me assustei um pouco com essa ideia de avaliar os alunos, mais fui deixando de lado essa minha desconfiança sobre a avaliação. Com o tempo das frustrações, das exclusões de bolsas de estudos (que são movidas também pelo o IDE) fui me confrontando com esta forma de avaliação. Foi então que ali nascia a ideia de analisar esse sistema tão louvado pela instituição e pelos alunos.

Todavia, não tinha contato com o anarquismo até que, por acaso, assistindo uma entrevista na internet do professor Gallo Silva, em que ele trazia nas suas falas a “pedagogia libertária”, fiquei curioso e fui pesquisar mais sobre essa temática. Logo fiquei impressionado. Então, decidi que era a partir daquilo que eu iria desenvolver meu tema de trabalho de conclusão de curso. Segundo o jornal Folha de São Paulo⁴, em artigo publicado em 19 de julho de 2018, 61% dos estudantes brasileiros que participaram do Pisa (Programa Internacional de Avaliação de Alunos) não conseguiram finalizar a prova, chegando a ser considerado um dos piores países dos 70 avaliados. No último exame do Pisa, em 2016, o Brasil atingiu seu pior resultado, chegando a 63ª posição em ciências, na 59ª em leitura e na 66ª colocação em matemática.⁵

Com esses resultados se torna cada vez mais recorrentes pesquisas no campo da educação pública brasileira repensando novas pedagogias, novas metodologias, buscando novas formas educacionais. Portanto, o projeto traz uma discussão que sofre vácuos nas instituições de ensino público, a “pedagogia libertária” ou a relação entre anarquismo e educação pública. O anarquismo não é discutido sofrendo com o esquecimento. Trazer à tona essa discussão entre anarquismo e educação tem impactos importantes nessa realidade educacional como forma de repensar a questão do ensino. Desta forma, o projeto busca avaliar, talvez, um dos sistemas mais importantes dentro da instituição o IDE (Índice de Desempenho do Estudante) utilizado como forma de medir o aprendizado do aluno estudante da Unilab.

⁴ Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/07/19/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

⁵ Disponível em: <http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.ghml> Acesso em: 13 ago. 2018.

4 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

4.1 História do anarquismo: da Europa ao Brasil

A história da anarquia sempre teve seus altos e baixos, seus momentos pacíficos e violentos, mas nunca deixou de existir entre os homens, estando presente em cada revolução em que o anseio era liberdade, luta contra autoridade e a injustiça social. Descobrir o broto dessa história tão mal interpretada pela a sociedade civil foi um trabalho árduo para os que foram tão profundo no seio de cada revolução.

A anarquia sempre foi um fator recorrente na história da humanidade. Quem nunca lutou por uma sociedade mais justa e igualitária? Como disse Smith “o homem é impulsionado pelo o desejo de melhorar sua condição”. (SMITH 1776 apud CARNOY, 1988). E de fato, sempre estamos na busca do melhor. De certa forma aconteceu um progresso entre os homens. Não é à toa que Nettleau (2008) cita que a “humanização” dos animais que formavam a humanidade gerou certas influências sobre os mesmos iniciando a marcha pelo o progresso e a luta contra a autoridade. O autor ainda continua afirmando que tal luta foi tão árdua que poucos chegaram à anarquia, apenas conseguindo “liberdades parciais”, regendo a sociedade com a nova liberdade e o antigo regime. A esses ele vem chamar “partidários da liberdade constitucional ou democratas” os que lutam pela “liberdade governamental”.

Ainda que a luta a favor da liberdade não seja uma tarefa fácil, não significa que não tenham existido anarquistas durante a história. Autores como George Woodcock (2007) e o próprio Max Nettleau (2008) citam que existiram ideias anarquistas e socialistas na Grécia e China antiga. Segundo Nettleau “As ideias libertárias de Antífon e, sobretudo a grande obra de Zenão (333-264) [...] foi uma primeira e clara expressão da liberdade humana”. (NETTLAU, 2008, p. 32). Grandes escritos como esses caíram no esquecimento ou sequer nunca foram apresentados às comunidades. Ainda segundo Nettleau (2008), tais comunidades sempre foram cercadas pelo o “civismo e o patriotismo” influenciando sobre a não divulgação de tais autores ao povo. A anarquia sempre esteve presente entre os homens, porque sempre fez parte dos seus anseios naturais, a autoridade seria uma aberração temporária. (WOODECOCK, 2007). Como bem pronúncia Kropotkin (1935), a

natureza humana foi corrompida pelas instituições durante o decorrer da história, impondo-o à servidão.

De qualquer maneira buscarei apresentar autores anárquicos que coexistiram demonstrando que o anarquismo tem uma tradição e sua causa foi moldada com o tempo. Já durante a guerra civil inglesa no século XVII surgiu o primeiro movimento com características anarquistas. Eram constituídos em sua grande maioria de homens pobres vítimas da recessão econômica inglesa que reivindicavam uma justiça social e econômica. Os líderes do grupo Gerrard Winstanley e William Everard⁶ foram importantes para o movimento. Estes criaram suas teorias em 1648 colocando-as em prática em 1649. (WOODECOCK, 2007).

Em 1649 Winstanley escreve seu primeiro artigo *A verdade erguendo-se por sobre as nuvens*, dando forma a filosofia do movimento. Winstanley acreditava na “decência intrínseca do homem”. [...] “agir de acordo com sua própria natureza racional, o homem estaria cumprindo seu dever como ser social”. (WOODECOCK, 2007, p. 47). O autor prossegue quando traz uma breve citação das palavras de Winstanley "permita que a razão governe o homem e ele não se atreverá a transgredir contra seus semelhantes, mas fará a eles o que quer que lhe tenham feito". (WINSTANLEY apud WOODECOCK, 2007, 47). Lutando contra a autoridade e buscando uma sociedade justa os cavadores⁷ da Inglaterra conseguiram cerca de quarenta seguidores. Ainda na ação o movimento começou a ocupar terras públicas na Inglaterra. O movimento foi fortemente atacado por proprietários rurais e o clero. Duramente reprimidos por forças autoritárias Winstanley e seu amigos de causa sofreram com as atrocidades praticadas. Diante de tanta repressão o movimento chega ao seu fim em 1650. (WOODECOCK, 2007).

Ainda na busca pela gênese do movimento Woodecock (2007) nos leva a França revolucionária. O movimento Enragés ou raivosos antecipou o anarquismo durante a revolução francesa no ano de 1793. Tratava-se de um grupo de

⁶ Winstanley era um ex-negociante de fazendas em Lancashire. Muda-se para Inglaterra inaugurando um comércio de tecidos, onde vem a sofrer com a recessão. Everard era um velho combatente da guerra civil que havia sido expulso do exército por distribuir propaganda a favor dos niveladores grupo político que reivindicava igualdade política. (WOODECOCK, 2007).

⁷ Cavadores ou escavadores é a tradução literal de diggers.

desagregados políticos que compartilhavam a mesma aversão ao Estado autoritário dos jacobinos. Um dos membros que mais se destacou foi Jacques Roux, um padre que pregava palavras como igualdade e justiça. Em 1792, Jacques começa a espalhar as suas ideias radicais. Após seu primeiro descontentamento ele entendeu que a dita “revolução” não cumpria aquilo que tinha prometido, escrevendo seu primeiro discurso. No escrito denunciava toda a tirania dos jacobinos. No ano de 1793, o movimento continuava firmemente na luta contra a ditadura conseguindo novos adeptos a luta. O movimento se expandia e cada vez mais aumentava suas influências. Com a argumentação que seus discursos eram antigovernamentais Roux foi preso. Percebendo que seu fim era guilhotina acabou ceifando sua própria vida. Para ele “morrer colocando a liberdade acima da lei é morrer como um anarquista.” (ROUX apud WOODECOCK, 2007). Com toda repressão sofrida pelos os que lutaram a favor da liberdade a França só ouviria falar em anarquismo durante o século XIX com Proudhon. Foi durante a época autoritária francesa entre os anos de 1789 e 1792 que surgiu a primeira obra anarquista na Inglaterra. (NETTLAU, 2008).

E foi entre os anos 1789 e 1792 que surgiu na Inglaterra um calvinista que ingressaria na sociedade um dos maiores escritos antigovernamentais do século XVIII, o *inquérito sobre a justiça política*. Godwin traz na composição do seu livro a questão da felicidade humana. Dentre as várias felicidades, a moral e a intelectual são as mais importantes. O livro possui dois propósitos entender o funcionamento político sobre a sociedade e ser um veículo de aperfeiçoamento moral. Por acreditar que a educação e a razão seriam o caminho para a transformação humana postula que a justiça seria algo imutável, uma verdade ética. Ainda pela a razão o homem se guiaria sem precisar existir instituições autoritárias para controlá-lo. (WOODECOCK, 2007).

A Europa no final do século XVIII esbanjava sobre um sendeiro uma vasta gama de revoluções espalhadas. Revoluções essas que aspiravam mudanças profundas em suas raízes econômicas, social e política. Esses episódios engendraram um novo regime, uma nova época e contexto. A França deixará de ser agrícola para se tornar industrial, todavia, com as novas transformações gerou-se

um novo paradigma e foi durante esta época de transmutações que nasceu, viveu e morreu o protetor dos pobres, Joseph Pierre Proudhon.

A partir da obra *O que é propriedade?* de 1840, Proudhon declara-se anarquista. Proudhon, ao submeter à propriedade ao seu jugo mordaz concluiu que se trata de um roubo, no entanto, o autor denunciava a propriedade como exploração do trabalho alheio sem qualquer tipo de esforço na alegação que o homem tem direito absoluto naquilo que produz, mas não sobre os meios de produção. O filósofo social acaba mergulhando na seguinte questão: o indivíduo produz, porém, é desassociado de sua produção, ou ainda, sua propriedade é roubada. Então, ele chegou à conclusão que a propriedade que é retirada a força do homem, nada mais é que incompatível com a justiça, quando atravança a grande maioria dos produtores a gozarem do mesmo direito sobre o produto do trabalho. Proudhon ao direcionar a sua crítica a uma determinada propriedade jamais negou que a propriedade individual causa desigualdade, pelo contrario, acreditava que o homem gostava de sua independência dada pela a sua propriedade. (WOODECOCK, 2007).

Ainda no que se refere à Proudhon, Rucker (2002) o declarou como o socialista opositor a qualquer tipo de crença e foi sobre esse quadro que Proudhon formulou seu modelo para a sociedade, aquele que seria capaz de suprimir as verdadeiras necessidades do povo sem afetar a individualidade e a liberdade, nasceria então, o federalismo⁸. Foi em dezanove de janeiro de 1865, que a Europa se despediu deste solitário construtor de ideias. Um pensador apreciado na França, do século XIX, pela aversão a qualquer tipo de autoridade, todavia, seu trabalho influenciou mentes, inclusive a de Bakunin, que se tornou outro pensador da anarquia, além de Proudhon e Godwin, ultrapassando o caminho dúbio entre os excessos lógicos e a vida ordinária. O primeiro de uma linhagem de aristocratas russos que abraçaram a causa anarquista. (WOODECOCK, 2007).

⁸ Proudhon acreditava em uma sociedade livre e mutualística, assim, propõem a formação de federações, em que consiste, em uma sociedade gerida pela as próprias pessoas, portanto, uma democracia direta. Uma sociedade autogerida e individualista, mas, nunca se opondo ao apoio mutuo entre as federações. (WOODECOCK, 2007).

Bakunin transformou o anarquismo em um movimento internacional. Jamais um mundo teria conhecido o anarquismo se Bakunin nunca tivesse se aventurado sobre as asas da revolução. Revolucionário que abandonou o comodismo da vida abastada para se empenhar contra a protuberância burguesa que se espalhava pela a Europa, em seguida pelo o mundo. Ainda que suas lutas tivessem em sua maioria o gosto amargo da derrota, por outro lado, se lançaram sobre o mundo de revoluções libertárias e movimentos que dominaram a América Latina. Bakunin era adepto de um hegelianismo ortodoxo e autoritário. Era crítico a autoridade familiar, mas apoiador do regime Czarista. No ano de 1841 Bakunin sofre uma transmutação a partir de novas teorias, que antes rejeitava, tornando-se um adepto do socialismo libertário. Foi somente em 1844 que entrou em contato com o anarquismo. Ao conhecer Proudhon ambos se tornaram-se amigos. (WOODECOCK, 2007).

Bakunin iria atuar como um verdadeiro revolucionário anarquista nos últimos anos de sua vida. Várias organizações de sua autoria viriam a se tornar égide para o anarquismo. É neste ponto que Bakunin diferenciou-se do seu grande mestre ao tornar o anarquismo coletivista. Foram graças a estas organizações criados a partir de 1860 que surgiram escritos pontuais que hoje se pode conhecer as características do anarquismo de Bakunin. Foi uma dessas organizações a Aliança democrática que lhe deu uma vaga na primeira internacional e que engendrou um dos capítulos mais marcantes da história da internacional: os anarquistas contra marxistas. (WOODECOCK, 2007).

A trajetória como movimento iniciou-se na Europa onde se tornou o paraíso das ações revolucionárias. A partir do século XIX o movimento anarquista já existia sobre o solo da América Latina e Central. Os primeiros movimentos se formavam na Argentina, México e Cuba e rodeavam as mentes dos artífices na década de 70. Não demorou muito para que os anarquistas se fizessem numerosos em movimentações de artesãos e trabalhadores industriais. No começo do século XX os anarquistas já estavam presentes na maioria dos sindicatos do México, Brasil, Peru, Chile e Argentina. (WOODECOCK, 2006).

No Brasil se percebia o anarquismo e uma nova corrente derivada que surgiria após uma forte divisão ocorrida a partir do quinto congresso da AIT (A organização internacional dos trabalhadores) em Haia no ano de 1872. O anarco-sindicalismo diferencia-se do anarquismo tanto nos métodos como o alcance. Enquanto o anarquismo busca a profunda transformação social para com os indivíduos e a sociedade, o anarco-sindicalismo, movimento formado por operários, buscam a transformação da gerência de produção e consumo, sendo um de seus meios de luta a greve geral. (RODRIGUES, 2010). Greves foram realizadas na busca da melhoria de vida dos trabalhadores brasileiros, inclusive, São Paulo e Santos que foram palco de grandes revoluções que sacudiram a classe industrial brasileira de 1906 a 1907, em Santos se entendendo até 1921 para conseguir a carga horária de oito horas diárias de trabalho. Surgiram várias associações que balançaram com as bases mercantis brasileiras, entretanto, aquilo que se tornou uma série de incêndios revolucionários terminou com uma pequena fumaça. Hoje o anarquismo sofre com o desconhecimento e a ridicularização das pessoas. O que aconteceu com essas organizações espontâneas e livres feitas de trabalhadores para trabalhadores sucumbiram às tentativas do Estado e organizações ditatoriais brasileiras. (RODRIGUES, 2010).

4.2 Relação entre anarquismo e pedagogia libertária

Os anarquistas tinham ideias diferentes. Cada um possuía uma visão de como seria a tomada da revolução e os seus meios para se chegar. No entanto, todos chegaram a um consenso que a revolução deve acontecer sobre mudanças profundas no seio da sociedade, além de ser um processo gradativo ou uma evolução gradativa. Desta forma a base filosófica anarquista se apoiaria em um tripé a crítica à sociedade como ela é uma visão alternativa e um planejamento para se alcançar esta sociedade alternativa. (WOODECOCK, 2007).

Sobre estas perspectivas o anarquismo se resume como ação de indivíduos que se opõem e combate o capitalismo, ansiando o desaparecimento do Estado e reconstruindo uma nova ordem social descentralizada, horizontal e autogestionária (RODRIGUES, 2010). O trabalho do anarquista é luta pela a

dissolução radical das instituições religiosas, políticas, econômicas e sociais existentes. (BAKUNIN, 2009). Assim, o anarquismo via-se sobre duas perspectivas: a da negação e afirmação. Negação do Estado e da acumulação pessoal e de uma sociedade injusta, egoísta e opressora. Afirmação de uma sociedade livre avançando para conquista do bem-estar social, intelectual e moral. (KROPOTKIN, 2007). Para tanto, tanto quanto o capitalismo como o Estado, se tornaram inimigos dos anarquistas.

Na contramão, o movimento luta para uma sociedade justa, igualitária e autogestionária, todavia, somente com a extinção do Estado e os meios desiguais do capitalismo a sociedade seria finalmente livre. Mas esta liberdade não seria dada de “bom grado” como esperava Proudhon, muito menos, tão somente violenta como pronunciava Bakunin. Necessitava de uma ponte entre a realidade opressora e o paraíso, ponte essa, que deveria dar início a um começo revolucionário tão sólido quanto o seu desfecho. A revolução ainda deveria ser consciente e autônoma, uma revolução vinda dos seus únicos atores: os trabalhadores.

Conseqüentemente, os anarquistas buscaram meios para a instrução do povo, métodos capazes de atrair e provocá-los para a mudança de sua realidade, no entanto, os anarquistas perceberam que o Estado utilizava de artifícios de controle de mentes, dentre os quais, a educação como atravanca para esta mudança. Desta forma, vários anarquistas se colocaram contra a educação estatal. O primeiro foi Godwin (apud Woodecock, 1998) que no século XVIII alertava a comunidade sobre os perigos da “instrução pública” como controle dos alunos. Acusava como uma educação de preconceito, estática e autoritária. Uma educação que trabalha com moldes diminuindo a capacidade criativa do aluno. Godwin propõem uma “verdadeira educação” baseada na vontade e na persuasão, uma instrução livre baseada na razão. (WOODECOCK, 1998).

Proudhon, não distante do raciocínio de Godwin, observa na educação pública uma manutenção e perpetuação do sistema, contudo, se difere de Godwin sobre a perspectiva de uma “verdadeira educação”. (apud Gallo Silvio, 1989). Para ele somente uma instrução teórica e prática, logo, uma educação “politécnica” assumiria um papel revolucionário e de desconstrução. Bakunin denunciava esta

instrução pública como uma educação de classes, na medida em que era tendenciosa e desonesta com o povo, de modo que, ajudava a manter a ordem das coisas sempre enviando o filho do rico a administração e o do pobre para o trabalho manual e fabril. Somente uma educação “integral” conseguiria subverter a situação, pois, trabalharia todas as faculdades dos homens tornando-os senhores de suas habilidades físicas, intelectuais e sociais. O homem tornaria e seu próprio senhor e caminharia rumo à liberdade. (GALLO SILVIO, 1989).

A partir destes principais autores citados nota-se que a educação estava presente em suas mentes como um assunto pertinaz. Apesar de suas diferentes propostas pedagógicas contra hegemônicas, todos, concordaram sobre os perigos da instrução pública. A grande preocupação dos anarquistas com a educação se resume por percebê-la como um meio para “engendrar a transformação social. (WOODECOCK, 1998). Para Pelloutier “Nada de revolução sem educação nada de educação sem revolução... Querer mudar a sociedade sem mudar os homens”. (PELLOUTIER, 2006, p. 18). O autor ainda continua a dar a educação um papel importante para a revolução como preparação. (PELLOUTIER,2006). Bakunin, segundo Gallo Silvio (1989), não apenas a considera como o meio para a revolução, mas, a própria revolução.

Consequente, a compreensão do anarquismo sobre a instrução pública vinculada ao Estado e o capitalismo são prejudiciais ao homem, na medida em que, não os prepara para a liberdade, mas para a servidão, assim, os autores concluíram que uma verdadeira educação deveria possuir suas particularidades, que se distinguisse metodologicamente dessa “falsa educação”. Para tanto, caberia ao povo construir sua própria educação anti-sistemática.

A pedagogia libertária respeitava a liberdade individual do aluno e sua expressão reorganizando a pedagogia para feitos revolucionários. A co-educação dos sexos, classes sociais, ensino racional e integral demonstravam o intuito de uma educação livre de dogmas, preconceitos, ao mesmo tempo em que, instruíam seus alunos sobre a base do respeito e da liberdade. Esta forma pedagógica buscava a destruição profunda das hierarquias, desfazendo as formas de dominação do Estado e capitalismo. A pedagogia buscava instruir nos alunos uma “consciência anárquica”

transformando a sociedade em uma organização autogestionária. (KASSICK; KASSICK, 2004).

Para tanto, os objetivos políticos anarquistas e suas práticas educacionais interagem no momento em que busca uma liberdade, que só era garantida quando a sociedade fosse livre. Desta forma, buscava a formação de indivíduos solidários, livres e interessados nos problemas sociais e na libertação da comunidade. Seu método racionalista baseava-se na razão e na ciência em que o foco principal era o aluno, de modo em que, as matérias não possuíam prazos, nem programas permitindo cada um aprender o que lhe fosse possível. O conhecimento não era solidificado com respostas pré-programadas. O grande objetivo era induzir dúvidas e permitir que o aluno descubra os fenômenos da natureza e as leis que o regem. Os professores faziam o papel de acompanhamento. (JOMINI, 1989).

Por fim, a pedagogia libertária teria como seu principal objetivo educar para a liberdade, de forma que tanto alunos como professores fossem direcionados a um gradativo processo de construção de consciência livre e autêntica, sendo a liberdade uma construção permanente e mútua sobre as relações sociais. (GALLO SILVIO, 1990). A educação libertadora seria uma ação direta na revolução, daria aos oprimidos a instrução necessária para uma mudança profunda e irreversível. O objetivo da educação libertadora era: “instruir para revoltar”. (PELLOUTIER, 2006).

5 PERCEPÇÕES DO ANARQUISMO SOBRE A AVALIAÇÃO E IDE

Chegou-se a base de todo o problema. O assunto que deu vida a este projeto de pesquisa. Nesta parte, trarei algumas percepções minhas, na medida em que utilizo autores anarquistas para dar um suporte teórico para as postulações que serão apresentadas. No entanto, nada será afirmado, pois, por se tratar de um projeto de pesquisa, não houve pesquisa exploratória de campo, mas uma pesquisa bibliográfica que servirá de base para uma futura pesquisa. Foi abordado que a pedagogia libertária busca a transformação social e a partir disso a construção da liberdade, para tanto, esta educação deveria ser ministrada pelas partes

interessadas, os trabalhadores, devendo seus métodos diferenciar-se dos métodos da escola pública tradicional.

O IDE (Índice de Desenvolvimento Estudantil) utilizado em instituições públicas de ensino superior, como a UNILAB, é uma média calculada a partir de todas as disciplinas concluídas no semestre pelo aluno. Outras variações como trancamento de disciplinas e a reprovação por falta pode gerar uma diminuição no seu “índice”, ocasionando uma menor chance do discente concorrer a bolsas de pesquisa, por exemplo.

Como aluno estou submetido constantemente a esta variável numérica e noto que como um meio avaliativo exclui o prazer do aprender, na medida em que, substitui o “aprender” por uma base coercitiva, baseada no desempenho acadêmico. Composto de regras gerais e abstratas resume o “aprender” a um jogo de “números”, um método dogmático e sufocador de espontaneidade. (FAURE 1989 Apud SILVIO GALLO 1999). Assim, o IDE abstrai todo o esforço do aluno e o reduz a um valor numérico.

Desta maneira, toda e qualquer característica individual é suprimida, ou seja, não existem nem João nem Maria, mas sim, o IDE sete ou nove. O desenvolvimento do aprendizado é imposto, ao ponto que nosso tempo é desrespeitado, prazos são impostos e o enquadramento a este modelo avaliativo é uma norma. Tal modelo é competitivo, próprio das sociedades capitalistas, e irá gerar indivíduos orgulhosos e egoístas. Na contramão, os que não conseguirem acompanhar e obter um desempenho nos moldes do que preconiza o IDE serão excluídos e se sentirão incapazes ou impossibilitados de aprender. De todo modo, ambos se desenvolverão sobre a perspectiva de que a vida é uma “selva” e o resultado é mais importante do que tudo e vale como justificativa para alcançar o valor do sucesso. (PINHO 1908 apud JOAMINI 1989).

A avaliação existe em todo ou qualquer processo que tem como base a “seletividade”. Esta avaliação permanece presente em toda sociedade pelo fato de ser uma característica do sistema capitalista. Em toda e qualquer atividade, seja na busca de emprego ou no ingresso a uma universidade, passaremos por uma avaliação. Ninguém está isento do sistema, pois o mesmo é imposto com nosso

consentimento ou não. A instrução pública é apenas um meio para adaptar as pessoas para o mundo do capitalismo. Todavia, a problemática não se resume apenas na avaliação, o problema é a predominância de um tipo de avaliação que não leva em conta a individualidade, abstraindo o conhecimento.

6 METODOLOGIA DA PESQUISA

A metodologia é outra peça importante neste projeto, entretanto, o desafio consiste na opção por uma metodologia que escape do molde estatístico. Um questionário quantitativo não seria suficiente como um instrumento de coleta de dados para quem intenta compreender as individualidades, as motivações e as singularidades dos sujeitos. No tratamento pessoal com os interlocutores da pesquisa empírica ser espontâneo. Desta forma, o pesquisador há de ter um papel de expor as implicações da pesquisa aos seus interlocutores, direcionando o foco das entrevistas e considerando a subjetividade do entrevistado/colaborador. A pesquisa qualitativa é mais adequada neste tema de pesquisa por se tratar de uma colaboração mútua sobre o entendimento, a percepção e os sentidos do mundo que nos rodeia.

Este projeto parte de uma revisão de literatura sobre o tema anarquismo e educação, para em seguida realizar um estudo empírico acerca da avaliação, captando a visão dos discentes da UNILAB sobre o IDE. Será utilizado como recorte alunos e alunas do curso do BHU e da Licenciatura em Sociologia, com índices acadêmicos considerados “satisfatórios” e alunos com índices não “satisfatórios”, de modo a reconhecer os motivos que os levam a tirarem uma boa nota ou uma nota ruim. Serão entrevistados quatro alunos (a)s, dois do curso do BHU (Bacharelado de Humanidades) e dois alunos do curso de sociologia. A equidade de gênero também será levada em conta como recorte.

A entrevista dará a percepção necessária para algumas questões que precisam ser elucidadas, de acordo com os objetivos propostos no projeto. Busca-se uma construção mútua e colaborativa entre o pesquisador e os interlocutores privilegiados, tendo em conta o respeito à subjetividade e a individualidade do

participante. Desta forma, o método de coleta de dados prima pela entrevista individual, que para Bauer e Gaskell (2003) é repleta de pontos positivos para quem busca estudar visões específicas de pessoas sobre um assunto. Portanto, a entrevista participante me proporcionará meios para, junto com o colaborador, buscar a compreensão a respeito de sua visão sobre o IDE e suas perspectivas acadêmicas, considerando suas experiências e trajetórias acadêmicas.

REFERENCIAS

ALVES, Washington Lair Urbano. **A história da educação no Brasil: da descoberta à Lei de Diretrizes e Bases de 1996**. São Paulo: [s.n.], 2009. 93 p. Disponível em: <<http://www.unisalesiano.edu.br/biblioteca/monografias/47650.pdf>>. Acesso em: 10 set. 2018.

BARBOSA, Luciane Muniz Ribeiro. **Igreja, Estado e Educação em Martinho Lutero: uma análise das origens do direito a educação**. São Paulo: [s.n.], 2007. 246 p. Disponível em: <<http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-11122007-08552.php>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

BAUER, Martin; GASKELL, George. Entrevistas individuais e grupais. *In*: BAUER, Martin; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som: um manual prático**. Rio de Janeiro: Vozes, 2003. Disponível em: <https://drive.google.com/file/d/0BxkGfleBK32UWnBneFg0YUwwZjQ/edit>. Acesso em: 22 mar. 2019.

CARNOY, MARTIN. **Estado e Teoria política**. São Paulo: Papyrus, 1998. Disponível em: <https://www.passeidireto.com/arquivo/51659445/carnoy-martin-estado-e-teoria-politica-pdf>. Acesso em: 18 dez. 2018

CHAMBATE, Grégory. **Instruir para revoltar: Fernand Pelloutier e a educação rumo a uma pedagogia da ação direta**. São Paulo: Faísca Publicações Libertárias, 2006.

JOMINI, Regina. **Uma educação para a solidariedade contribuição ao estudo das concepções e realizações educacionais dos anarquistas na república velha. 1989**. 1989. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1985. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/252702?mode=full>. Acesso em: 24 out. 2018.

JUNIOR, Amarilio Ferreira. **História da Educação Brasileira: da Colônia ao século XX**. São Paulo: [s.n.], 2010. 125 p. Disponível em: <http://www.researchgate.net/publication/270903884_Historia_da_Educacao_Brasileira_da_Colonia_ao_seculo_XX>. Acesso em: 03 set. 2018.

KASSICK, Clovis; KASSICK, Neiva. **Pedagogia libertária na história da educação brasileira**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2004. Disponível em: <http://www.anarquista.net/wp-content/uploads/2013/10/A-pedagogia-Libertaria-na-Historia-da-Educacao-Brasileira-3-edicao-Neiva-Beron-Kassick.pdf>. Acesso em: 1 jan. 2019.

NETTLAU, Max. **História da anarquia: das origens ao anarco-comunismo**. São Paulo: Hedra, 2008.

N. ROTHBARD, Murray. **Educação: Livre e obrigatória**. 1ª Edição. ed. São Paulo: [s.n.], 2013. 64 p.

ROCKER, Rudolf. O ideário de Proudhon. *In*: ROCKER, Rudolf. **As Idéias Absolutistas no Socialismo**. [S. l.: s. n.], 2002. Disponível em: www.ebooksbrasil.org. Acesso em: 28 nov. 2018.

RODRIGUES, Edgar. História do movimento anarquista no Brasil. *In*: RODRIGUES, Edgar. **História do movimento anarquista no Brasil**. São Paulo: Ateneu, 2005. Disponível em: <https://we.riseup.net/assets/141914/Edgar%20Rodrigues%20hist%C3%B3ria%20do%20movimento%20anarquista%20no%20brasil.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2019.

SILVIO, Gallo. **Educação anarquista: Por uma pedagogia de risco**. 1990. Dissertação (Mestrado em Educação) - "Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1990. Disponível em: http://bdtd.ibict.br/vufind/Record/CAMP_f9912de5f71df0c2a8448dd97cd7a2f5. Acesso em: 31 jan. 2019.

WOODECOCK, George. **História das ideias e movimentos anarquistas**. 1ª Edição. Porto Alegre: L&PM, 2007. 272 p.

Páginas consultadas na internet:

ALUNOS brasileiros não chegam ao fim de prova em avaliação mundial. São Paulo: Folha de São Paulo, 2018. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/fsp/fac-simile/2018/07/19/>>. Acesso em: 24 set. 2018.

BRASIL cai em ranking mundial de educação em ciências, leitura e matemática. [S.l.]: G1 Globo, 2016. Disponível em: <<http://g1.globo.com/educacao/noticia/brasil-cai-em-ranking-mundial-de-educacao-em-ciencias-leitura-e-matematica.gh.html>>. Acesso em: 13 ago. 2018.

ANEXO - Roteiro de perguntas para entrevista

- 1- Identificação (nome, idade, curso, semestre)
- 2- Qual é a sua percepção de avaliação?
- 3- O que você acha das formas de avaliação das disciplinas na UNILAB (provas, seminários, escrita de artigos, etc.)?
- 4- Você possui algum conhecimento sobre o IDE?
- 5- Para você o que é um bom desempenho acadêmico satisfatório ou insatisfatório?
- 6- Para você o IDE consegue avaliar um desempenho satisfatório ou insatisfatório? Por quê?
- 7- Em sua opinião IDE como sistema avaliativo da Unilab é necessário? Por quê? Algum momento da sua vida acadêmica tentou bolsa de estudo e conseguiu obtê-la? Justificar.
- 8- Se caso não tenha obtido bolsa você considera o IDE como principal influenciador?